

Onomástica Ficcional: *status quo* no Brasil

Fictional Onomastic: *status quo* in Brazil

Amanda Kristensen de CAMARGO*

RESUMO: Este artigo busca descrever o contexto atual das pesquisas em Onomástica Ficcional no Brasil, bem como ilustrar corpus inexplorados que seriam gratos à pesquisa contemporânea na área. Considerando as pesquisas do Léxico, a Onomástica Literária (ou Onomástica Ficcional) nos domínios científicos luso-brasileiros, ainda é uma disciplina em ascensão, cujos pressupostos teóricos – transformados ao longo de sua origem – precisam ser revisitados, restabelecidos e constantemente aplicados em corpus de linguagens ficcionais diversificadas. De acordo com Altman (1981), a Onomástica Literária seria uma especificidade do Criticismo concentrada nos níveis de significação do nome na Literatura; passados quase quarenta anos, Eckert e Röhrig (2018) e Camargo (2018) têm demonstrado em solos brasileiros que a Onomástica Literária não apenas auxilia na Análise Literária como possibilita meios de comparação da função e status do signo onomástico em sociedade e nas mais diversas linguagens ficcionais, contribuindo, pois, para a percepção de

ABSTRACT: This article tries to describe the current context of the researches in Fictional Onomastics in Brazil, as well as to illustrate unexplored corpus that would be grateful to the contemporary research in the area. Considering the researches of the Lexicon, the Onomastic Literary, or Fictional Onomastic, in the Luso-Brazilian scientific domains, is still a rising discipline, whose theoretical presuppositions – transformed throughout its origin – need to be revisited, reestablished and constantly applied in corpus of languages. According to Altman (1981), Literary Onomastics would be a specificity of Criticism concentrated on the levels of meaning of the name in Literature; more than forty years, Seide (2006), Eckert and Röhrig (2018) and Camargo (2018) have demonstrated in Brazilian soils that Literary Onomastics not only assists in Literary Analysis, but also provides a means of comparing the function and status of the onomastic sign in society and in the most diverse fictional languages, contributing to the perception of socio-onomastic, aesthetic-fictional and identity phenomena.

*Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7569-1091>. amandakristensen.prof@gmail.com

fenômenos sócio-onomásticos, estético-ficcionais e identitários.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica Literária. Onomástica Ficcional. Léxico.

KEYWORDS: Literary Fiction Onomastic. Lexicon.

1 Considerações iniciais

De acordo com Guérios (1973, p. 18), “[...] os nomes são criados sob influxo religioso, político, histórico etc., de circunstâncias variadíssimas, em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e [...] lugares”. Esse influxo sócio-influenciador de múltiplas motivações citado pelo autor não só atua de forma sólida na nomeação propriamente social como também na nomeação ficcional.

A nomeação das personagens de um romance, conto, novela, peça teatral, produção cinematográfica, entre outras manifestações artísticas mediadas pela linguagem ficcional requer hesitação, elaboração e reflexão primeiramente quanto à funcionalidade linguística e significativa, à identidade e ao caminho a ser seguido pelo *homo fictus* e, posteriormente, quanto à preocupação em seguir uma lógica onomínica à estética proposta. Quanto à primeira esfera da nomeação, há uma preocupação semelhante à nomeação do *homo erectus*, já que, ainda contemporaneamente, acredita-se que o ato de nomear está fundamentalmente relacionado à futura personalidade do nomeado (OLIVER, 2010).

Oliveira e Barberena (2017) abordam enquanto siamesas certas especificidades comuns da nomeação social e ficcional. Os teóricos apontam que

Assim como o romancista faz com o nome de seus protagonistas, os pais hesitam, por vezes, em relação ao nome que darão aos filhos. [...] Criado o nome da personagem, ela segue sua irremediável trama existencial nos mais variados quadrantes identitários (OLIVEIRA; BARBERENA, 2017, p. 19).

Logo, o antropônimo, enquanto nome próprio de pessoas, faz-se relevante em ambos os espaços: o social e o ficcional; e ambas formas de nomear dialogam entre si,

possibilitando pontos motivacionais e identitários inter-equivalentes. Por outro lado, posterior ao ato de nomeação, na Literatura, a preocupação inicial estende-se; enquanto socialmente o nome específico de um sujeito lhe será útil enquanto autorreferência, formação identitária e diferenciação denotativa de si em relação ao *alter*. Na literatura, a nomeação é transfigurada e o nome próprio, além de exercer as funções sociais citadas, passa a representar, inclusive, percepções subjetivas quanto ao nome e à nomeação que indicam o avesso de algumas questões socio-onomásticas.

A questão construtivo-identitária, por exemplo, está tão atrelada ao nome do sujeito histórico que, na Literatura, o avesso desta, ou seja, a própria desconstrução identitária de uma personagem, sua liquidez intrapessoal ou ainda não lugar pode ser representada pela ausência de um nome, por uma outra forma de identificação como o faz Saramago em *Ensaio Sobre a Cegueira* (CAMARGO, 2015), ou ainda, por um nome fluido, híbrido como nos apresenta Freire (1978) na ficcionalização dos conflitos identitários de um travesti cujo ortônimo, *Joselin* – junção dos nomes dos pais, José e Linda – carrega a ambiguidade de sua sexualidade. Logo, a nomeação na Literatura não só reflete os conflitos da nomeação social como faz do processo nominativo e suas especificidades identitárias um meio representativo de significação máxima dos comportamentos do *homo erectus*, seja de forma mimética, avessa, alegórica, dentre outras.

Essa ilustração primeira permite a introdução ao fato de que o nome literário atua como potencializador da significação da matéria linguística, reafirmando o comportamento de um personagem, ironizando-o, entre outras formas de significação. Apesar da necessidade de se estudar o nome literário, sua potencialidade conotativo-literária e natureza sociolinguística mimética no Brasil, ainda são poucos os escritores cuja lógica onomínica, bem como suas consequências estéticas ou linguísticas foram estudadas; menos ainda são exploradas as funções simbólicas dos nomes ficcionais em geral.

Mediante buscas bibliográficas das publicações sobre o estudo do nome ficcional no Brasil, é perceptível que há pesquisas específicas, posteriormente detalhadas, em que se teoriza a lógica de nomeação de determinado autor, ou obra, porém não se apresenta bibliografia referente à Onomástica ou Atroponomástica, fato que limita linguisticamente as análises propostas; por outro lado, há também investigações como as de Eckert e Röhrig (2018) que, ao se fundamentar na Onomástica, solidificam linguisticamente as classificações onomínicas propostas buscando delimitar determinados modismos de acordo com o contexto onomástico de estéticas literárias específicas.

As pesquisas dos autores acima mencionados publicadas desde o início do ano de 2016 até o mesmo período do ano de 2018 permitiram a descrição de especificidades nominativas dos períodos literários brasileiros como romantismo, realismo e modernismo, servindo de base bibliográfica a incentivo a pesquisas futuras, como claramente ocorrera, meses depois, na dissertação de Camargo (2018) *Nomes próprios no romance contemporâneo O berro do Cordeiro em Nova York: um estudo onomástico exploratório* cuja base demonstra-se ser a descrição da nomeação em uma obra literária contemporânea. É preciso, entretanto, que, no contexto acadêmico brasileiro, a Onomástica Literária, ou Onomástica Ficcional (ECKERT; RÖHRIG, 2018), estenda-se, amplie-se e se ramifique em produções ficcionais como um todo, permitindo que não só o nome literário, mas o nome ficcional em geral seja estudado em todas as suas materializações possíveis.

Visando, pois, contribuir para essa ampliação no paradigma científico brasileiro, propomos um recorte teórico do segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada *Nomes próprios no romance contemporâneo o Berro do Cordeiro em Nova York: um estudo onomástico exploratório*, a fim de que se ecoe para outros espaços

científicos a relevância da ciência Onomástica¹, bem como se ampliem perspectivas práticas para a pesquisa brasileira contemporânea em Onomástica Ficcional.

2 Onomástica Literária: origem, pesquisas brasileiras atuais, vazios e novos caminhos

As indagações acerca do nome próprio na linguagem literária surgem em meados do século XVIII, antes que a própria ciência Onomástica pudesse ter se solidificado no contexto acadêmico da época; por outro lado, pesquisas cuja base advém particularmente dos pressupostos de análise linguístico-onomástica e sua popularização datam da década de setenta.

O primeiro trabalho a que se tem acesso sobre a preocupação em relação à lógica onomínica de uma obra se deu com a pesquisa de Boas (BREMER, 2014), em 1840, quando o pesquisador analisa a simbologia dos nomes na poesia; porém, como mencionado acima, não havia qualquer influência da Onomástica em suas considerações. Passados mais de cem anos, na década de oitenta, Altman (1981) busca definir a ciência Onomástica Literária e determinar seu *corpus* específico de pesquisa: obras literárias.

Pesquisas contemporâneas em Onomástica Literária, escritas em Língua Inglesa, por outro lado, têm apontado, desde o ano de 2011, mediante a realização do Conselho Internacional de Onomástica (Icos), em Barcelona, que a análise de nomes ficcionais deve ser aplicada não só na linguagem literária, mas em toda e qualquer

¹ “O atual status de ciência e disciplina autônoma da Onomástica percorreu um longo período de reflexões filosóficas e linguísticas, que teve início, aproximadamente, entre 170-90 a.C. com Dionísio de Trácia 20, com suas menções relativas à diferenciação entre o nome comum e o nome próprio, perpassou por sua definição e delimitação enquanto ciência em Vasconcelos ([1887] 1931), pelo estruturalismo teórico de Saussure (1916), pela Semiótica de Lyons (1977;1979) [...] concretizou-se, contemporaneamente, como ciência e disciplina relacionada ao estudo do léxico semanticamente esvaziado (antropônimos) e fossilizado (topônimos), objeto epistêmico que, comum à Lexicologia – ciência interessada no estudo do léxico geral das línguas – esclarece-nos sua origem”. (CAMARGO, 2018, p. 29).

linguagem ficcional, o que ampliaria o *corpus* da ciência Onomástica Literária e nos faz preferir, neste artigo, por questões linguísticas, a atualização amplificadora do nome da própria ciência como Onomástica Ficcional, que abrangeria a Onomástica Literária, esta especificamente centrada na análise de nomes ficcionais imersos no texto literário.

Essa ampliação de *corpus* defendida pelos teóricos contemporâneos (BREMER, 2014) não fere a natureza interdisciplinar da ciência; por outro lado, permite que se amplie para outras áreas do conhecimento além da Literatura, como o Cinema, a Música, entre outros.

Desde o início das pesquisas em Onomástica Literária, a ciência exigia um trânsito,

[...] entre a Linguística e a Literatura [...] que contribui tanto para elencar a substância linguística e funções estilístico-semânticas dos nomes na Literatura, quanto para atestar fenômenos linguístico-sociais, como a legitimização de nomes literários a partir da qual nomes oriundos da Literatura passaram a nomear em sociedade. (CAMARGO, 2018, p. 50)

Assim, a Literatura não só era base para o estudo do nome ficcional, como o próprio nome ficcional, ao longo dos estudos onomásticos, passava a demonstrar sua relevância, principalmente quando constatada sua influência para a própria nomeação em sociedade, já que se percebia que nomes não comuns em uma determinada sociedade e época poderiam se tornar modismos, seguindo as propagações predicativas das personagens que nomeiam. Esse próprio fato onomástico – a Legitimação do nome literário – mesmo tendo sido teorizado, em meados de 1973, por Guérios, ainda carece contemporaneamente de pesquisa, uma vez que se pode averiguar se esse fenômeno se propaga, também, em relação ao nome ficcional em outras linguagens que não a literária. Porém não só este fenômeno, mas vários atuais *corpus* abarcados pela ciência demonstram que há muito ainda que se perguntar sobre a nomeação ficcional contemporânea brasileira.

Baseados em um dos primeiros artigos bibliográficos em Língua Portuguesa sobre a origem e atuais métodos de pesquisa em Onomástica de Seide intitulado *Métodos de pesquisa em Onomástica*, Eckert e Röhrig foram os primeiros pesquisadores a se interessarem sobre a nomeação em obras literárias brasileiras. Um dos primeiros trabalhos dos teóricos, publicado em 2016, fora sobre a nomeação no romance romântico *Ubirajara* de José de Alencar.

Intitulado “Antroponímia ficcional: o caso de *Ubirajara*, de José de Alencar”, a pesquisa dos teóricos resultou na confirmação da relação entre o significado do nome e o comportamento ou as características físicas desses personagens, bem como na percepção de que a estética romântica de Alencar tende a ampliar a significação simbólica da palavra, até mesmo no nome das personagens:

[...] os nomes dos personagens indígenas não são usados como meras etiquetas identificadoras, como tem sido tradição, sobretudo na cultura antroponímica ocidental, conforme preconiza Dauzat (1950). Existe, no caso de *Ubirajara*, um sentido etimológico claro por trás dos nomes, o qual remete diretamente ao caráter ou ao comportamento dos personagens. (ECKERT; RÖHRIG, 2016, p. 187).

Eckert e Röhrig (2016) apontam, pois, uma das maiores transfigurações do nome literário em relação às motivações antroponímicas ocidentais contemporâneas; segundo Dauzat (1950 *apud* ECKERT; RÖHRIG, 2016), há, contemporaneamente, motivações diversas antroponímicas que, quando relacionadas à etimológica, sobressaem-se, fenômeno contrário encontrado na estética literária romântica de Alencar, já que a motivação etimológica se faz uma das principais.

Por outro lado, revisitando o trabalho dos teóricos, pode-se afirmar que há, indiscutivelmente, uma lógica mimética na nomeação proposta por Alencar, uma vez que as personagens são indígenas e recebem nomes indígenas, como o deve ser nesse contexto; ademais, os nomes propostos seguem a lógica antroponímica de grande parte das tribos indígenas, que propõem a presença de elementos da natureza ou da

função do indígena na tribo presente no antropônimo, caso, por exemplo, do próprio nome *Ubirajara* que significa *o rei da lança*, aquele que na tribo ocupa papel de destaque como guerreiro, caçador. Dessa forma, ainda que o nome traga conotação ao enredo e subjetividade à própria construção da personagem, ele propõe uma mimese com a nomeação indígena; essa percepção em relação aos dados colhidos por Eckert e Röhrig (2016) foi relevante, por exemplo, para que, dois anos depois, na dissertação de mestrado *Nomes próprios no romance contemporâneo O berro do Cordeiro em Nova York: um estudo onomástico exploratório*, Camargo (2018) considerasse a natureza do nome literário mimética e conotativa em graus específicos.

Outros trabalhos de Eckert e Röhrig são muito relevantes para o início da exploração dos nomes literários no Brasil como estudos da nomeação em Graciliano Ramos. Para eles,

[...] a maioria dos nomes dos personagens não é usada como meras etiquetas identificadoras, tendo relações com suas características físicas ou comportamentais. Como já evidenciado em estudos sobre outros clássicos da literatura, conforme citado na introdução a respeito de Guimarães Rosa, Machado de Assis e José de Alencar, a constituição dos nomes dos personagens, nas obras de Graciliano Ramos, revela ter sido objeto de reflexão por parte do autor na elaboração dos personagens e sua relação com o enredo. Assim, percebe-se que essa preocupação parece ser uma constante nas obras de alguns dos principais autores da literatura brasileira (ECKERT; RÖHRIG, 2018, p. 1292).

Posteriormente, a percepção de que a preocupação etimológica do nome se faz presente na produção literária romântica, realista² e modernista brasileira, os teóricos se perguntam sobre a possível manutenção etimológica do nome na narrativa ficcional

²Além dos teóricos citados, Campos (2014) e Santos (2015) estudaram a onomílica de Machado de Assis. As autoras observaram, para além de outros fatos, que os nomes seguem a lógica onomílica da época do autor, mas, por outro lado, a etimologia se faz relevante e propõe não só sumarizações como ironias comportamentais, confirmando o próprio arranjo onomílico da obra como uma materialização da macroestética realista que, portanto, propõem diversas formas de ironia.

contemporânea; fato que é abordado por Camargo (2018) em sua dissertação de mestrado. Para a autora,

As funções [do nome próprio] vão desde a imitação do espaço e dos sujeitos da sociedade (contextualização onomasticamente geralmente muito mimética) até a motivação etimológica (sumarizações comportamentais, ironias, antíteses), a função gramatical de efeitos comparativos, gradativos, personificativos e arranjos onomásticos discursivamente alegóricos repletos de conotação. [...] essas funções dialogam e, portanto, não se anula a mimese na presença da conotação, nem tampouco a conotação na presença da mimese, mas uma enriquece a outra em determinado grau que, dentro da tentativa de classificação – pouco miméticos e muito conotativos, pouco miméticos e pouco conotativos, pouco conotativos e pouco miméticos, e pouco conotativos e muito miméticos –, concretizam diversas magnitudes onomástico-funcionais que permitem a observação de limites funcionais onomásticos bem delineados. (CAMARGO, 2018, p. 103-104)

Logo, para Camargo (2018), a função etimológica do nome se mantém na Literatura Brasileira Contemporânea; por outro lado, ramifica-se em efeitos literários para além da sumarização comportamental, gerando antíteses, anacronismos, alegorias, entre outros. Ainda para a autora, não só o prenome, como os próprios axiônimos (pronomes de tratamento) podem propor antíteses de origem social, fato sociolinguístico transmutado ao *corpus* literário, mediante o diálogo entre personagens de classes sociais diferentes, que linguisticamente apresentam ou não pronomes de tratamento seguidos do prenome. Através dessa observação, a autora abre espaço para que essas marcas linguísticas sejam repensadas no universo literário enquanto um eco das relações sociais e que, assim como nos discursos não ficcionais da sociedade, sejam vistas, nos discursos ficcionais, como marcas linguísticas que propõem formas alegóricas de preconceito e de diferenciação social na própria tessitura onomástica em relação dialógica:

Para além da presença/ausência de sobrenome, nos atentamos para a presença/ausência de hipocráticos/pronomes de tratamento. No discurso destacado, é perceptível que Venâncio, ao dialogar com Leonídio Matoso, chama-o por senhor; enquanto este último, ao respondê-lo, trata-o por você. Trata-se, pois, de mais uma marca linguística materializadora da alegoria da desigualdade social. (CAMARGO, 2018, p.133).

Além da questão dos pronomes de tratamento, a autora aponta para o fato de que há personagens com sobrenome e personagens sem sobrenome e a esse fato onomínico, a autora atribui também a esfera do status social da personagem. Não há, por outro lado, aprofundamentos no contexto científico contemporâneo brasileiro que apontem quaisquer observações acerca da morfologia do sobrenome ao longo dos séculos na Literatura Brasileira ou Luso-brasileira, o que se faz território frutífero.

Também se faz necessário observar como se dá a transposição da linguagem literária para a linguagem cinematográfica com relação ao nome das personagens. Sobre esse fato, Camargo (2018) aponta a análise de Perpétua e Leandro (2014): Miguilim vai ao cinema como precursora. Para as autoras:

[...] Em Mutum, há a mudança de nome próprio como o que vincula a ficção ao mundo real das crianças-personagens, movimento da ficção em direção o documentário, atualização do texto no presente. Kogut faz do sertanejo, o não-ator, um ser dramático. Proveniente do documentário, a cineasta certamente viu, na manutenção do nome próprio dos atores, um artifício de *mise en scène* facilitador da apropriação do texto por parte das crianças (PERPÉTUA; LEANDRO, 2014, p. 20).

O fenômeno onomástico que as autoras tratam como um artifício de *mise en scène*, em linguagem cinematográfica, tornar-se-ia bastante relevante à teoria onomástica; por outro lado, limita-se ao conceito cinematográfico, já que as autoras não baseiam suas conclusões no fenômeno propriamente onomástico, nem discorrem acerca da relação entre o nomeado, o nome e a identidade, o que faria com que a citada

“manutenção do nome dos autores”, enquanto facilitadora de empatia por parte das crianças, fosse linguisticamente e socialmente explicada.

Mediante o contexto descrito percebe-se, pois, que no Brasil há pesquisas acerca do nome ficcional cuja base advém da onomástica somente em *corpus* literários, sendo necessário expandir os estudos para toda e qualquer linguagem ficcional. Ademais, em relação ao próprio *corpus* literário, é preciso haver uma atenção especial para a tradução de nomes, bem como para a relação do nome com a identidade das personagens.

3 Considerações Finais

Com base nessa abordagem mínima do quadro de recuperações bibliográficas recentes, é perceptível que, de acordo com as últimas publicações brasileiras na área da Onomástica Literária, houve certos avanços na literatura brasileira. Especificou-se a natureza híbrida do nome – enquanto mimética e conotativa – bem como se comprovou que a motivação etimológica do nome literário estende-se à contemporaneidade com a singularidade de se ramificar em fenômenos linguísticos e literários diversos, como alegorias.

Porém, para além de exposto há, ainda, um vasto espaço para pesquisa na área da Onomástica Literária e Ficcional brasileira, como a (re)locação do nome literário nas adaptações cinematográficas, o nome da criança órfã na literatura ou no cinema, o nome social do transexual ou travesti na linguagem ficcional, o processo de (re)nomeação de personagens migrantes, a interferência da classe social daquele que nomeia para as motivações do nome ficcional, a tradução do nome ficcional, bem como o nome ficcional na literatura em Libras, entre outros temas ainda pouco explorados pela Onomástica Ficcional, mesmo que inseridos em *corpus* gratos à ciência.

Muitos desses vazios se devem à insuficiência da publicação de estudos em Língua Portuguesa cujo foco e base teórico-metodológica estejam delimitados na

ciência da Onomástica Ficcional. Pode-se dizer que a literatura Onomástica Ficcional no Brasil ainda está em fase de desenvolvimento e solidificação e, para melhor nutri-la, é necessário explorar seus vazios bibliográficos e propor novos caminhos inexplorados.

Referências

ALTMAN, G. A. Literary onomastics typology: analytic guidelines to literary onomastics studies. **Literary onomastics studies**, v. 8, n. 21, 1981. Disponível em: <https://digitalcommons.brockport.edu/los/vol8/iss1/21/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BREMER, D. Onomàstica i cultura. Elsnoms en la vida quotidiana. **Actes del XXIV Congrés Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques**. Annex Secció, p. 109-113, 2014.

CAMARGO, A. K. A influência do contexto na identidade dos personagens de Ensaio sobre a cegueira, de Saramago. 2015. 1 CD-ROM. **Trabalho de conclusão de curso** (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/139089>. Acesso em: 10 mai. 2019.

CAMARGO, A. K. **Nomes próprios no romance contemporâneo “O berro do cordeiro em Nova York”**: um estudo onomástico exploratório. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4104>. Acesso em: 10 mai. 2019.

CAMPOS, R. M. G. **Uma poética da homonímia**: o problema do nome próprio em Machado de Assis. 2014. 437 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.icosbibliography.net/files/1387/CAMPOS_problemadonomepróprioemMachadoDeAssis2014.pdf. Acesso em: 10 mai. 2019.

EKCERT, K.; RÖHRIG, M. Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar. **GTLex**, v. 2, n. 1, jul./dez. 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex3-v2n1a2016-7>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/37831>. Acesso em: 10 mai. 2019.

EKCERT, K.; RÖHRIG, M. Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de *Vidas Secas* e de *São Bernardo*. **Revista de estudos da linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1277-1294, 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1277-1294>.

Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12826>. Acesso em: 10 mai. 2019.

FREIRE, R. O milagre. *In*: FREIRE, R. **Travesti**. São Paulo: Edições Símbolo, 1978. p. 13-90.

GUÉRIOS, M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1973.

OLIVEIRA, R. P.; BARBERENA, R. A. Literatura e ética: notas para um diálogo que não se acaba. **Estudos de literatura brasileira**, n. 51, mai/ago. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/2316-4018511>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200011. Acesso em: 10 mai 2019.

OLIVER, N. **Todos os nomes do mundo**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010.

PERPÉTUA, E. D.; LEANDRO, A. Miguilim vai ao cinema. **Caletrosópio**, v. 2, n. 2, p. 9-21, 2014. Disponível em: <http://www.ichs2.ufop.br/caletrosopio/revista/index.php/caletrosopio/article/view/2016>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SANTOS, B. S. **Dom Casmurro à luz da onomástica**: tramas e tramoias do romance machadiano. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3313>. Acesso em: 10 mai. 2019.

Artigo recebido em: 10.05.2019

Artigo aprovado em: 27.11.2019